

MAXIMILIANO ALFABETIZAÇÃO PORTUGUÊS



MAT.ESP.
12

OKARRAMÃE

CAPA : SÔNIA SALZSTEIN

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA
RUA MARCO GROSSO 412
SÃO PAULO

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA



SBD-FFLCH-USP

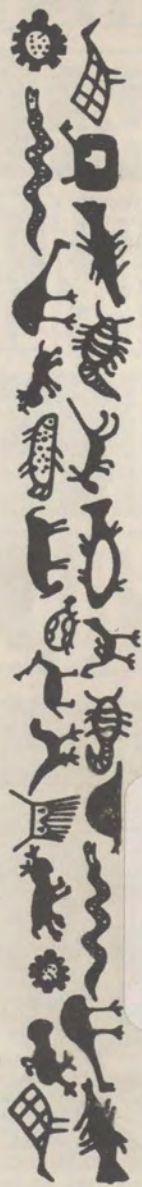


129821

MATERIAL
PARA
ALFABETIZAÇÃO
EM
PORTUGUÊS
EXTRA
SÃO-02-1
MÁRIA ELISA LADEIRA

mal. 602
112

centro de trabalho
INDIGENISTA



DEDALUS - Acervo - FFLCH-LP

VAZIO

21356125371

1

A intenção desta publicação é oferecer aos professores que atuam junto às populações indígenas um material de consulta, um modelo, que não se pretende perfeito mas que a prática tem mostrado eficaz. Esperamos que este modelo estimule a organização de novos materiais de alfabetização na língua portuguesa adequados à especificidade de cada grupo indígena e que possam contribuir efetivamente para a criação de uma escola realmente indígena. Este modelo já foi utilizado para a criação de um material de alfabetização para os índios Kaxinawá

1323561

do Acre, material este elaborado por Claudia do Valle e Maria Conceição de Oliveira.

Estes materiais de alfabetização não devem ser tornados isoladamente. A sua elaboração corresponde a toda uma postura e uma maneira de pensar o lugar e o papel da escola e da alfabetização nas sociedades indígenas. Nossa reflexão e nossa ação, das quais estes materiais são resultado, tem se conduzido pelas constantes indagações de como a escola pode abandonar a postura de instrumento de penetração da sociedade dominante na comunidade indígena; e de qual o sentido e o alcance da alfabetização no português e na língua materna para um grupo indígena.

O objetivo principal considerado na elaboração destes materiais foi o de

possibilitar que os índios pudessem ser alfabetizados sem a presença constante de uma professora branca. Daí a preocupação em criar um material didático que correspondesse mais de perto ao universo de interesses de cada grupo.

O material foi elaborado para ser aplicado - como de fato foi - por índios que sabiam precariamente ler e escrever em português, e que estavam muito distantes do modelo de professor como sinônimo daquele que tudo sabe. Aqui a distância entre o índio que ensina - monitor - e aquele que aprende é muito menor que a estabelecida entre professor - aluno. Neste sentido o material é propositalmente redundante, com várias fichas de reforço, como garantia, pela repetição, de sua eficácia. Ele deve, também, circunscrever a esfera de ação do monitor, faci-

litando sua atividade que consiste em ler as lições individualmente e verificar as cópias, e reduzindo a possibilidade dele incorrer em erro.

Este material foi elaborado em fichas (cada página corresponde a uma lição-ficha) porque este sistema, muito mais econômico que o uso das cartilhas individuais, possibilita uma constante complementação. O material não se pretende definitivo e acabado, por isso está sujeito, sempre que for necessário, a interposição de outras fichas complementares e que serão incorporadas ao sistema; por isso, apesar de possuírem uma ordem elas não são numeradas.

O sistema de fichas permite um aprendizado individual. Isto é importante se consideramos o fato de que numa escola indígena a

frequência oscila muito e a classe é extremamente heterogênea. Compreender esta fisionomia da escola e não enquadrá-la nos moldes tradicionais de uma frequência continua e uma classe homogênea, significa tornar a escola uma atividade a mais no conjunto das atividades da aldeia. Neste sentido o aprendizado individual nos parece ser o melhor caminho.

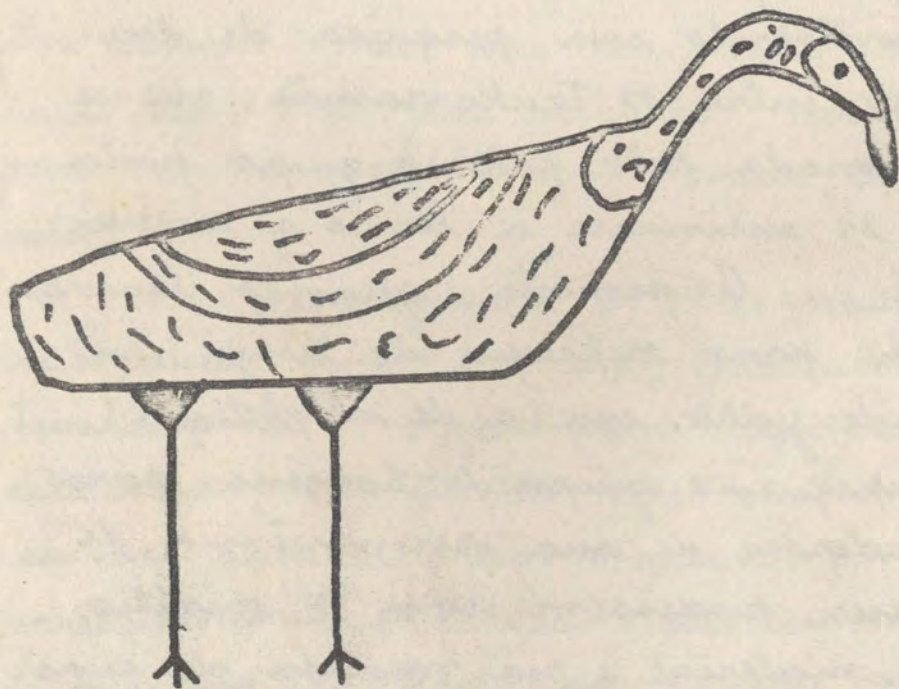
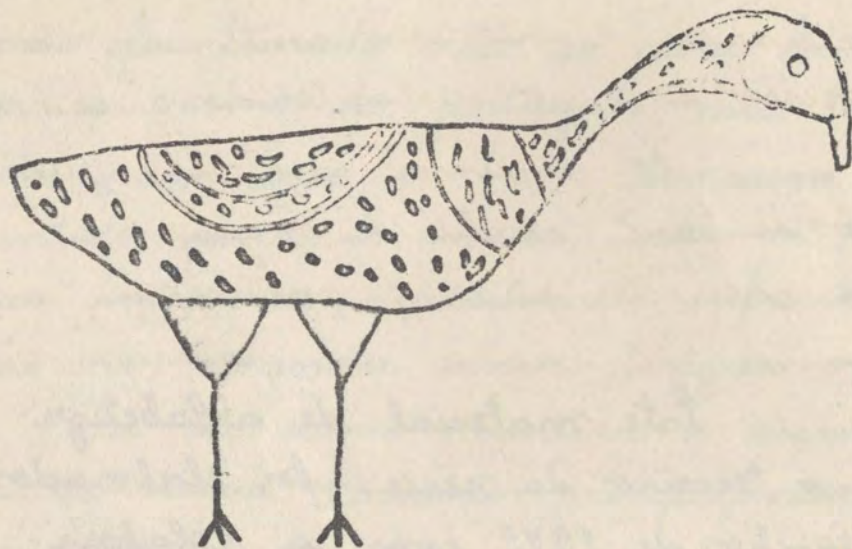
O critério para a ordenação das palavras chaves foi o de apresentar primeiro, na medida do possível, aquelas palavras que tivessem sons aproximados na língua indígena. A linguagem usada na elaboração do material procurou aproximar-se ao máximo do português falado pelos índios, considerando as influências que a língua indígena acarreta na estrutura do português de contato. Este cui-

dados foi tomado não só para facilitar o ensino do português, mas também para que os textos tivessem sentido para os índios. Sabemos já das inúmeras dificuldades enfrentadas ao aprender uma língua onde se fala de uma maneira e escreve-se de outra. Portanto, simplificar esta tarefa, utilizando inclusive os verbos em suas formas compostas como: "Meu pai vai caçar" ao invés de "Meu pai caçará", nos pareceu ser o procedimento mais correto.

Finalizando os três materiais desta série - Krahô, Guaraní, Tsukavramãe - apresentam algumas diferenças quanto ao desmembramento da palavra chave e quanto ao aparecimento das sílabas isoladamente. É que são resultado do caráter experimental destes materiais.

Este material de alfabetização - o terceiro da série - foi elaborado em junho de 1979 com a colaboração e a pedido de Vanessa Lea que desenvolvendo sua pesquisa de doutorado entre os Tsukavramãe, viu-se pressionada pelo próprio grupo para que os ensinasse a ler e a escrever.

A proposta, quando Vanessa partiu para o Parque do Xingu, em fins de julho, era a de alfabetizar um pequeno grupo de homens, para que depois de sua permanência de 6 meses, pudessem com o auxílio deste material e na medida de suas



necessidades e interesse, continuar o processo com o restante do grupo.

Foi o único material que elaborei sem conhecer o grupo e sem que este pudesse participar e discutir na escolha das palavras-chaves e na organização dos textos. Algumas conversas e depoimentos gravados com o chefe Raoni, Mekaron e outros Txukarramãe não foram suficientes para que eu pudesse apreender a estrutura e o vocabulário do português falado por eles.

Cití o momento desta publicação não temos notícias dos resultados obtidos com a aplicação deste material, nem de suas imperfeições e falhas. Assim é que o apresentamos tal como foi elaborado, sem ter sofrido como nos dois primeiros casos - Krahô e Guaraní - nenhuma complementação que a prática tornou necessária.

tatu

ta tu

o tatu

o tatu

pato
pa to
pa

o pato
o tatu

pa	po	pu
ta	to	tu
a	o	u

paca
pa ca
ca

a paca o pato
a toca o coco

pa po
ca co

cutia
cu ti a
cu

pau	cutia
pai	tia
pio	tio

a cuia caiu.

a	i	o	u
ca	co	cu	
ta	ti	to	tu
pa	pi	po	pu

boca

bo ca

bo

boca
brico
piaba
pacu

cutia
caitetu
boi
pica-pau

o pato bicoi Karupi.

ba	bi	bo	bu
pa	pi	po	pu

batata

ba ta ta

ba

a batata e' boa.

a	i	o	u
ba	bi	bo	bu
ta	ti	to	tu

abacate

copo

teto

bota

bacaba

tatu ta ti to tu

pato pa pi po pu

paca ca co cu

boca ba bi bo bu

a i o u





dedo

de do

Karupi bateu o dedo.
o dedo de Karupi dói.
coitado do Karupi.

da de di do du
a e i o u

o dedo

o cadeado

macaco

ma ca co
ma

meu tio matou o macaco.

o macaco come coco.

mutuca
mato
ema
cama

macaula
macuco
medo
time

ma me mi mo mu
a e i o u

isca

is ca
is

esta isca é boa.

eu peço todos os dias.

eu boto a isca e peço.

o posto

a merca

a bosta

a casca

as es is os us
a e i o u

as	es	is	os	us
a	e	i	o	u

um tatu
muitos tatus

o tatu
os tatus

um macaco
muitos macacos

o macaco
os macacos

uma paca
muitas pacas

a paca
as pacas

uma mosca
muitas moscas

a mosca
as moscas

gado

ga do

ga

ga go gu

o gado toma todo o mato.

o gado come muito.

gato

papagaio

água

carailba
ca ra i ba

o carailba matou meus tios.

o gado é do carailba.

cadeira

madeira

esteira

areia

beira

pirailba

cara

parede

marido

buriti

barata

alôbora

arame

duro

o carailba

os carailbas

arara

a ra ra

a arara está no pau.

o bico da arara é duro.

a arara come coco.

a cutia pariu.

este couro é de boi.

o tiro matou o pato.

o urucu

batoque

ba to que
que

meu batoque é de madeira.

periquito
piqui
mosquito

quieto
aqui
isqueiro

a comida está queimada.

a paca come muito piqui.

que

qui

dedo da de di do du

macaco ma me mi mo mu

isca ca co cu

gado ga go gu

batoque que qui

caraiiba
arara
urucu

neto

ne to
ne

eu botei meu neto na canoa.

eu dei o pão e a caneca
para Kena.

o nome do meu marido é
Karupi.

o bico do tucano é bonito.

o menino gosta de banana.

caneta - nuca - peneira

na ne ni no nu

mão
ão

mãe
ãe

A mãe de Karupi deu
comida para a arara.

A arara não bico a mão
da mãe de Karupi.

A arara gosta de mamão.
A arara e o papagaio estão
no pau.

pão

mamão

mão

capitão

não

botão

índio

ín di o
in

O índio é o dono do mato.

O índio mata paca, cutia,
tatu e anta.

Karupi é índio.

Onde está Karupi?

Karupi está andando no
mato.

O mato está queimando.

an en in on un

anta

an ta
an

Karupi gosta de comer
carne de anta moqueada.

dente	_____	den - te
pente	_____	pen - te
quente	_____	quen - te
doente	_____	do - en - te
maribondo	_____	ma - xi - bon - do
onda	_____	on - da
mundo	_____	mun - do
bunda	_____	bun - da
antigo	_____	an - ti - go

arco

ar co
ar

arma
borduna
espingarda

O arco é uma arma.

A borduna é uma arma.

O índio é o dono do
arco e da borduna.

O caraíba era o dono da
espingarda.

ar er ir or ur
a e i o u

porco

por co
or

Karupi quer comer carne de
porco.

torto
morte
porco
porta
corda

barco
barbante
cantador
cocar
carta

andar
matar
cortar
tomar

beber
comer
bater
dormir
pedir

praia

pra i a
pra

Eu gosto de nadar na praia.
A praia é bonita.

O urubu é preto.

O preá é pequeno.

O macaco prego come coco.

praia
preá

preto
prego

prato
primo

pra
pa
a

pre
pe
e

pri
pi
i

pro
po
o

pri
pu
u

sapo

sa po
sa

O sapo canta de noite.

Karupi está com sono e com sede.

Karupi está cansado.

Karupi está escutando o canto do sapo.

saco
sapato
sacó
sucuri

seriema
semente
manso
sabão

ensinar
socar
sair
escutar

sa se si so su

sarampo

sa ram po

Antigamente meus parentes
não sabiam do sarampo.

Agora o sarampo ataca
muito os índios.

O sarampo dói muito.

O sarampo é perigoso.

O sarampo é dos caraiwa.

campo

bom

pomba

tucum

bomba

mutum

tempestade

pium

timbré

am em im om um

a e i o u

um menino pesca.
uns meninos pescam.

o sapo pula.
os sapos pulam.

ele anda muito.
eles andam muito.

uma anta bebe.
umas antas bebem.

a paca dorme.
as pacas dormem.

ela canta bem.
elas cantam bem.

neto na ne ni no nu
 índio an en in on un
 arco ar er ir or ur
 praia pra pre pri pro prue
 sapo sa se si so su
 sarampo am em im om um

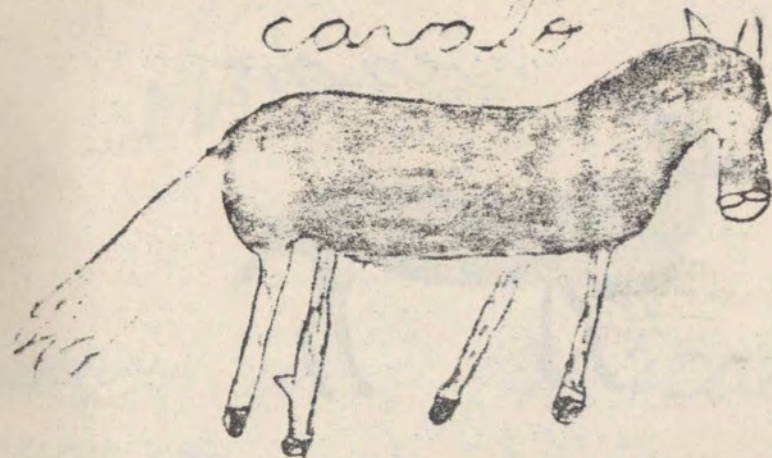
mão

irmão

irmã

mãe

carrolo



camarão e gato



lagarto





veado

queisada



peixe
pescada

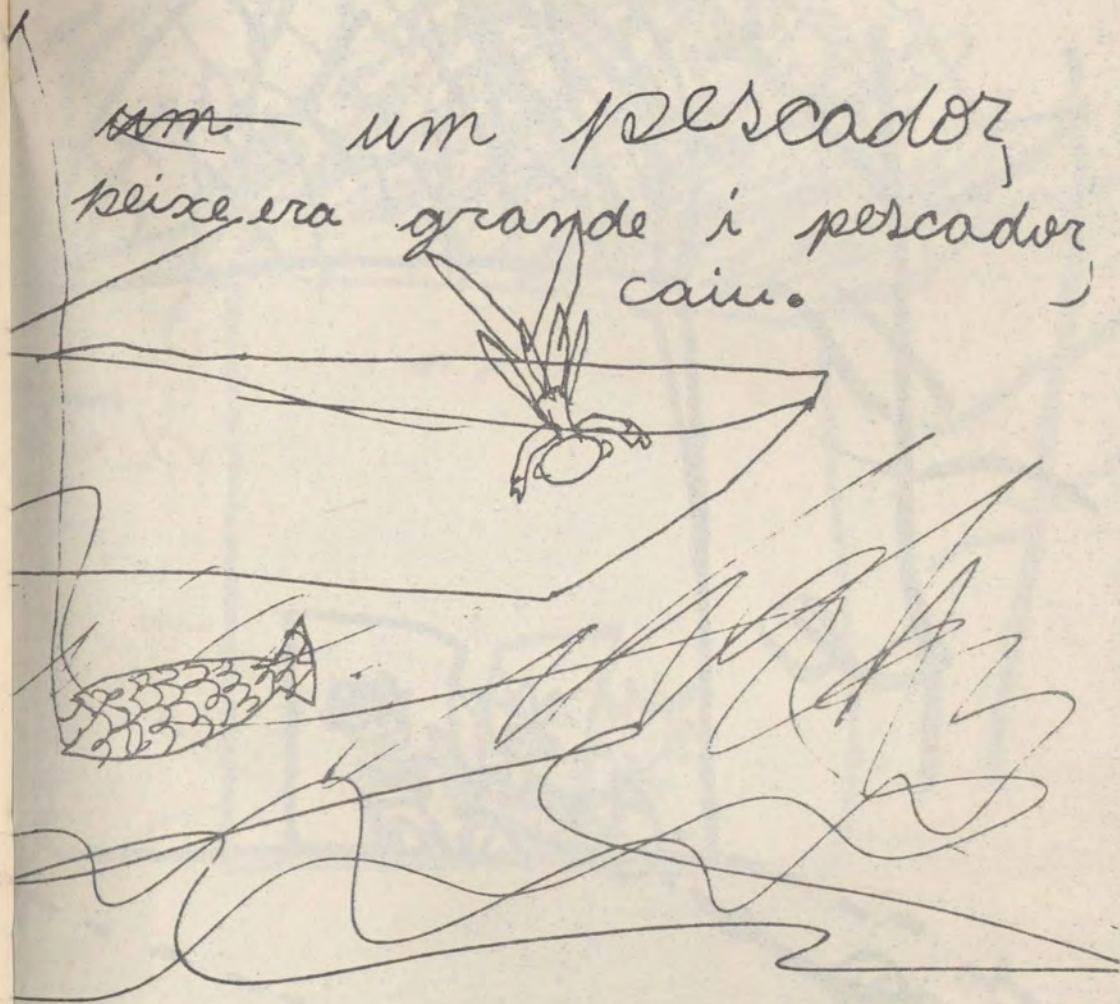


anta



MARIO

~~um~~ um pescador
peixe era grande i pescador
caiu.



CAZA de PALHA

♪ 木 木



OS PECADORES



lua

lu a
lu

A noite está escura.
A lua não saiu.
Coitado de mim.
A lâmpada da lanterna queimou
Mas meu tio pode me emprestar
sua lamparina.

lata
leite
luta
lápis

galo
mala
bala
panela

espoleta
borboleta
pilão
colar

la le li lo lu
a e i o u

rede

re de
re

Eu gosto de dormir na rede.

Antigamente não se dormia
na rede.

As redes dos Kayabi e Juruena
são boas.

Bedjai desliga o rádio.

O rato roeu a roupa.

remédio rico roda remo
raio relâmpago rio rabo
ra re ri ro ru
a e i o u

batata assada
as sa da

Kéna está na água
comendo batata assada. Tem
muita borboleta amarela perto
da água.

Quando os meninos estão
nadando, eles gostam de matar
borboletas. Os meninos tiram as
asas e botam as asas na
areia.

pacu assado
massa de mandioca
osso de paca
boa pessoa
tempo passado
remédio para tosse.

ssa se ssi sso ssu

cara

ca ra

Kéna é carada. Kéna está em cara.

Ela quer pintar a cara do menino de urucu. Ela quer urar a terouira, quer cortar o cabelo do menino.

Depois Kéna quer ralar mandioca, porque as batatas acabaram.

mariposa

querosene

raposa

surpresa

preso

mera

tuberculose

terra

ter ra

Antigamente toda terra era do índio. Nós somos os primeiros donos da terra. Nós somos os donos porque nós moramos aqui.

O caraíba quer roubar a terra do índio. Mas só morrendo nós saímos daqui. Só assim caraíba pode tomar esta terra e botar capim para ter muito gado.

Eu quero meus netos tomando conta desta terra. Se não tomar conta caraíba acaba com o índio.

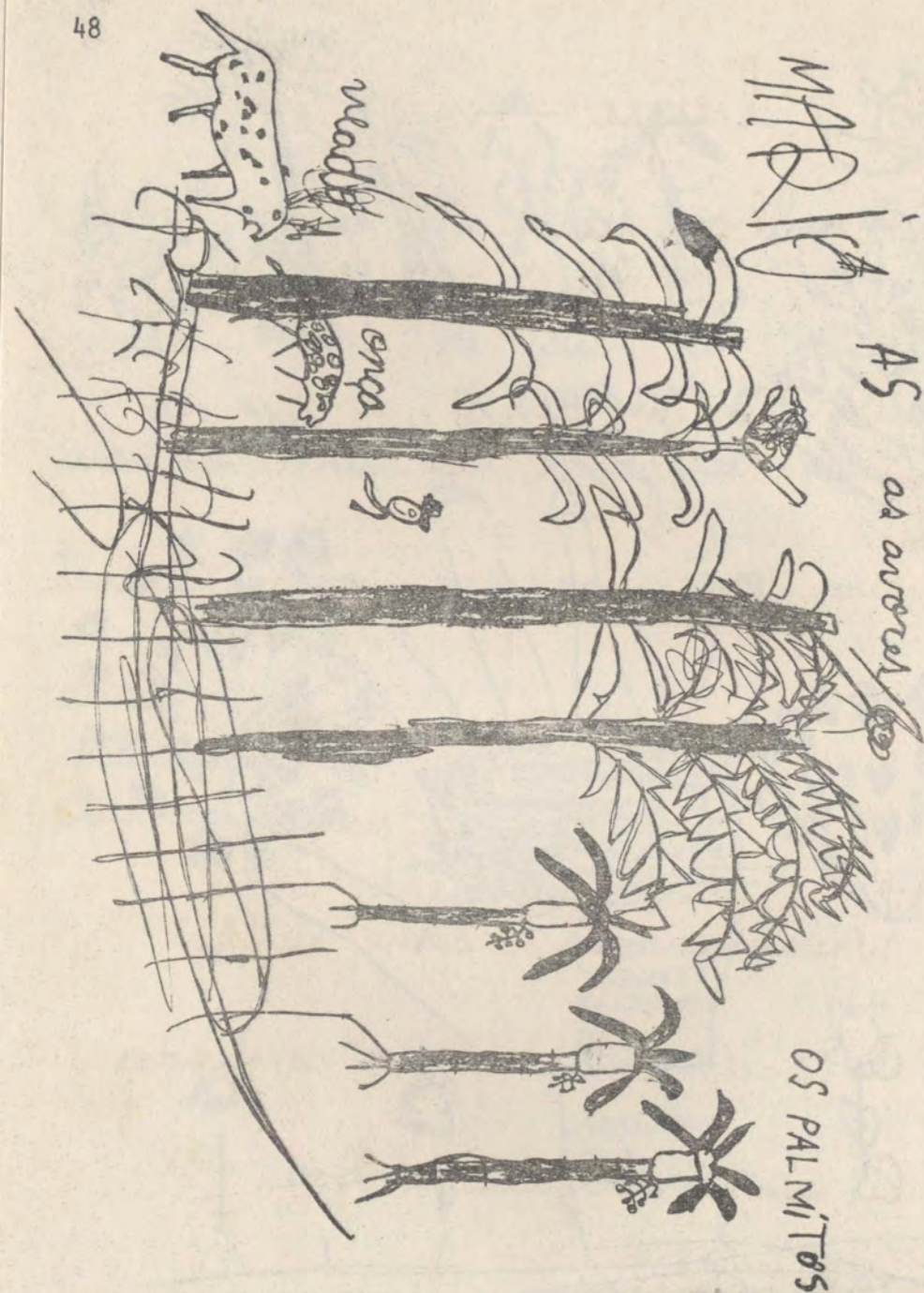
rra rre rri rro rru

lua la le li lo lu
 rede ra re ri ro ru
 assada ssa sse ssi sso ssu
 terra rra rre rri rro rru

casa
 querosene
 tuberculose

carrapato
 carro
 burro
 barro
 barriga





beiju
bei ju
ju

Os índios daqui sempre comem beiju. Hoje eu já comi carne de jabuti com beiju.

Os Kayabi gostam de anéis de inajá e tucum.

Jatobá é nome de pau.

Wai Wai nunca come saju.

Os pajés tem cigarros compridos.

A carne do jacu é boa.

ja je ji jo ju

jenipapo

je ni pa po
je

O jenipapo é importante para nós. Nós sempre usamos pintura de jenipapo e urucu. Aqui perto não tem jenipapo.

A jararaca é uma serpente. A picada da jararaca pode matar um homem.

Você pode comer jacaré?

jogo
jumento

jatai
laranja

jaca
jirimum

ja je ji jo ju

sangue

san que
que

Nós, índios, somos todos do mesmo sangue.

Quando eu labuto com carne de caça sempre limpo o sangue da mão.

Nós tiramos sangue das meninas para elas não fiquem preguiçosas.

guerra
tingui
quiar

que qui

gilete

gi le te
gi

A gente usa gilete para cortar o cabelo e para tirar a barba.

A gente só precisa de relógio para saber a hora de falar no rádio.

ge gi

tigela

gingiva

gema

página

faca

faca
fa

Eu uso a faca para cortar carne.

Vamos botar a fita para escutar os cantos da festa?

Kêna está arrando as batatas no fogo porque está com fome.

Os caraíba bebem muito café.

facão

fumo

feio

foto

forte

fósforo

formiga

enfeite

garfo

fa fe fi fo fu

roça

ro ça
ça

Cada família tem sua roça. Lá na roça tem banana, batata, cará, mandioca, mamão, abóbora, fumo, cana de açúcar e muitas coisas mais.

Agora tem menos caça e então nós comemos mais comida da roça. Nós vamos para a roça a pé pelo mato ou de canoa pelo rio.

cabeça	fumaça	muriçoca
munição	babaçu	dança

ça ço çu

cidade

ci da de
ci

Na cidade tem muita gente. Na cidade tem muita fumaça e muito carro. É perigoso andar nas ruas porque os carros andam muito rápido.

Na cidade tem muita coisa. Mas lá a gente paga para comer. Paga para ter casa. Paga para beber água. Paga para remédio. Paga para tudo.

Aqui é diferente. Aqui nós temos nossa roça, nossa casa, nossa caça, nossa água. Tudo é muito nosso.

ce ci

avô

a vô

vô

No tempo do nosso avô a vida era diferente. A gente não encontrava cidade e gado em nossa terra. Havia mais caça e menos doença. Nosso avô era forte e valente. Nossa única arma era a borduna.

Agora a gente precisa ter muita festa, não pode esquecer a vida do avô.

A gente precisa guardar a cabeça do avô.

va ve vi vo vu
a e i o u

veado

ve a do

ve

Ontem Karupi matou um veado e uma capivara. O veado estava bem gordo. Foi uma boa caçada. Seus parentes ficaram contentes.

Hoje ele vai pescar com seu arco novo. E de noite ele vai ficar conversando na casa dos homens.

va ve vi vo vu

vaca
cavalo
saíva
gavião
ovo

canivete
vida
vento
árvore
cova

fazendeiro
 fa zen dei ro
 zen
 ze

Pouco a pouco o fazendeiro
 vai invadindo a terra do índio.
 Por isso a FUNAI tem que demarcar
 logo a nossa terra.

O fazendeiro está sempre
 querendo mais terra. O fazendeiro
 derruba muito mato. Vai acabando
 com a caça. Nós precisamos de
 muita terra para poder caçar
 como nosso parente sempre fazia.

Fazendeiro diz que índio
 não precisa de muita terra. Índio
 precisa. Por isso sempre vamos ter
 que vigiar nossa terra.

za ze zi zo zu

beiju	ja	je	ji	jo	ju
sangue		que	qui		
gilete		ge	gi		
faca	fa	fe	fi	fo	fu
roça	ça			ço	cu
cidade		ce	ci		
avô	va	ve	vi	vo	vu
fazendeiro	za	ze	zi	zo	zu

cinza
 fazenda
 zangado

arroz
 nariz
 raiz

machado

ma cha do
cha

Eu preciso ir lá no posto
afiar este machado.

Quando Kéna vai na roça
ela fuma cachimbo para espantar
os meKaron.

Eu já gastei todos os meus
cartuchos e todo o meu chumbo.

bolacha	borracha	chinelo
choro	cachoeira	chave
chefe	concha	chão
carrapicho	cachorro	

cha che chi cho chu

farinha

fa ri nha
nha

Hoje eu tenho muita farinha
e muito inhame.

Minha irmã tem vergonha
de falar português.

Todo dia eu vou banhar
com meu irmão.

Ontem de manhã eu perdi
minha linha de pescar.

No meio da lenha tinha
uma aranha caranguejeira.

A cidade é companheira do
dinheiro.

galinha piranha ninho

nha nhe nhi nho nhu

milho

mi lho
lho

Nós gostamos de comer milho. Nós socamos o milho para fazer pão. Nós gostamos muito de milho assado e também de pipoca.

Todo ano nós fazemos a festa do milho. É no tempo da chuva. Os velhos ensinam nossos filhos como fazer. Quando a festa está acabando os homens dançam duro a noite toda.

Os velhos contam que foi um rato que ensinou a gente a comer milho. Ele contou para uma velha que o milho é bom para comer. A velha comeu primeiro e depois deu para seus filhos.

palha

pa lha
lha

Os Krahô e os Canela não moram na mata, eles moram na chapada. Os Krahô gostam de fazer o telhado das casas com palha de piaçava. Os Canela só fazem com palha de inajá.

mulher	vermelho	piolho
colher	espelho	olho
orelha	barulho	ilha
abelha	orgulho	pilha
folha	filhote	

lha	lhe	lhi	lho	lhu
a	e	i	o	u

aldeia

al de i a
al

Nossa aldeia é menor que as aldeias de antigamente. Agora nós somos poucos, mas nós estamos aumentando de novo.

A aldeia é redonda como no tempo dos avós. Na aldeia tem 18 casas e 1 casa dos homens. No meio da aldeia é que fazemos as festas e jogamos futebol.

Agora a FUNAI tem um posto na nossa aldeia. No posto tem o armazém, a farmácia, o gerador e o rádio. É lá que se guardam também os barcos a motor.

al el il ol ul
a e i o u

Xingu

Xin gu

Xin

Xi

Nós moramos na beira do rio Xingu. No Xingu tem muito peixe, é bom pescar lá.

Nossa aldeia fica no norte do parque, perto da BR-80. Quando a BR-80 cortou o parque nós perdemos nossa melhor terra. Em Kretire faltam coisas importantes para nós. Por isso brigamos com os caraiwa que invadiram nossa terra. Agora os caraiwa foram embora da BR-80 e da fazenda que tinha perto de Jarina. E nós não vamos deixar eles voltarem nunca mais.

xa xe xi xo xu

machado	cha	che	chi	cho	chu
farinha	fa	fe	fi	fo	fu
milho	lha	lhe	lhi	lho	lhu
aldeia	al	el	il	ol	ul
Xingu	xa	xe	xi	xo	xu

pólvora	pessoal	abacaxi
sol	cantil	enxada
sal	anel	caixa
solteiro	anzol	macaxeira
filme	pulga	lixo

trator

tra tor
tra

Aqui no parque do Xingu tem trator. A gente usa o trator para preparar a pista de avião.

Muitos de nós já aprendemos a dirigir e a consertar o trator

tronco	
tracajá	trançar
estrada	treinar
estrela	entrar
trovão	trococar
matrinção	

tra tre tri tro tru
ta te ti to tu

brinco

brin co
brin
bri

Os homens da nossa tribo usam brincos de miçanga branca, vermelha e azul. Também usamos miçanga nos braços.

Quando nós ficamos bravos com caraiíba, sai briga.

Quando o português chegou aqui, chamou esta terra de Brasil.

cobra pobre febre

bra bre bri bro bru
ba be bi bo bu

gripe

gri pe
gri

Gripe é doença de caraiíba. A gripe está no corpo do caraiíba. E foi ele quem passou esta doença para nós.

Doença ruim, que dá muita febre, muito catarro e que pode até matar.

Antes de conhecer o branco, índio não tinha gripe.

gra gre gri gro gu

gota
gruta

fruta
fru ta
fru

Karupi gosta muito de
comer fruta. No inverno
Karupi sempre vai pegar goiaba.

De noite Karupi dorme junto
do fogo para não sentir frio.

Karupi ficou muito fraco
quando pegou malária.

fra fru fri fro fru

fa fe fi fo fu

lacraia

la cra i a
cra

A lacraia é venenosa. Sua
picada é muito dolorida. E a gente
pode até ficar com febre.

Os Kayabi tem uma estória
que conta de uma lacraia.

Wai wai é criança ainda. Mas
quando ele crescer ele vai entrar
na casa dos homens.

Cité nosso avô conseguir o
fogo da onça. a gente comia carne
crua.

cra cre cri cro cru

pedra

pe dra
dra

No tempo do avô a gente usava machado de pedra. A gente demorava muito derrubando os pauz das roças novas.

Iprexe estava fazendo a pedra e o ferro do machado. Chamou dois homens e falou:

- Quem vai pegar a pedra do machado e quem vai pegar o ferro?

Um homem pegou o ferro. Avô do índio pegou a pedra do machado. Iprexe disse:

- Você que pegou o ferro vai sempre ficar com isso. Você que pegou a pedra sempre fica índio. Não vira caraíba.

flecha

fle cha
fle

Todo índio tem arco e flecha. Antigamente nosso avô caçava só com arco e flecha e borduna. Hoje nós gostamos de usar espingarda. Mas na seca ainda matamos muitos peixes com flecha. Na chuva é mais difícil flechar peixe. Os peixes se espelham quando o rio está alto. Não se pode matar curimatã com anzol, só com flecha. O curimatã não pega isca porque só come terra.

fla fle fli flo flu

fa fe fi fo fu

plantar

plan tar
plan
pla

Nós plantamos muitos legumes nas roças. Todo ano a gente bota roça para ter muita comida. As crianças ajudam as mulheres a plantar batata, inhame, mandioca.

A gente também planta bastante algodão perto da aldeia e muito pé de fruta perto das casas.

pla ple pli plo plu

pa pe pi po pu

livro

li vro
vro

O caraila gosta muito de livros.

Agora nós estamos aprendendo a ler e a escrever. E nós podemos escrever cartas para nossos parentes em outras aldeias e para nossos amigos na cidade. E também saber as notícias do branco.

A palavra do branco não vale de boca, só vale escrita.

vra vre vri vro vu
va ve vi vo vu

trator	tra	tre	tri	tro	tru
brinco	bra	bre	bri	bro	bru
gripe	gra	gre	gri	gro	gru
fruta	fra	fre	fri	fro	fru
lacreia	cra	cre	cri	cro	cru
pedra	dra	dre	dri	dro	dru
flecha	fla	fle	fli	flo	flu
plantar	pla	ple	pli	plo	plu
livro	vra	vre	vri	vro	vru

Txukavramãe é o nome que os Juruá deram para nós. Na nossa língua nosso nome é Metuktire. Nós somos Kayapó. Todos nós temos parentes em outras aldeias Kayapó. Jarina, Mekranoti, Bau, Kikretum, Kokraimoro, Kubenkranken, Gorotire e Xicrin. Tudo Kayapó.

Mas tem outras aldeias que falam parecido e que também são gê. Como os Krahô, os Canela Apãniekra e os Ramkokamekra, os Krĩkati, os Gavião e os Cipinajé.

Nós todos chamamos o branco de Kubẽ. Só quando nós conversamos em português com os outros índios do parque nós chamamos o branco de caraíba.

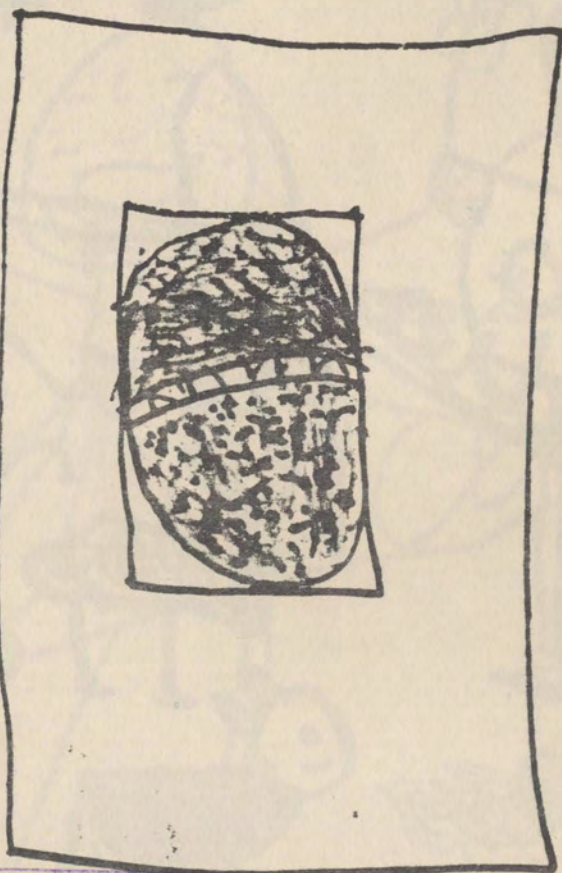
Txukavramãe Kayapó



indio novo

domato





SBD/FFXCH/SP	
SECTO DE <i>Letras</i>	
AQUISIÇÃO <i>D. Waldemar</i>	VALOR
<i>Ferreira Netto</i>	<i>R\$ 10,00</i>
DATA <i>2/7/97</i>	TOMBO <i>129821</i>

9020600

Reações do Prof. Waldemar Ferrazalutti
para a Biblioteca da FFLCH/USP
para ficar no prédio das Letras

impresso no



Departamento de Livros e Publicações
do Grêmio Politécnico
rua bandeirantes, 362
tels.: 227-6165 e 227-0607
CEP. 01124
São Paulo - SP - Brasil